

PHILIP NORMAN

Paul McCartney

A biografia

Tradução

Claudio Carina

Rogério W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Philip Norman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Paul McCartney: The Biography

Capa

Bij Barbara

Foto de capa e lombada

David Bailey

Preparação

Alexandre Boide

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Jane Pessoa

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Norman, Philip

Paul McCartney : a biografia / Philip Norman ; tradução Cláudio Carina, Rogério W. Galindo. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Paul McCartney : The Biography.

ISBN 978-85-359-2903-4

1. Cantores – Inglaterra – Biografia 2. McCartney, Paul 3. Músicos de Rock – Inglaterra – Biografia 1. Título.

17-02738

CDD-782.42166092

Índice para catálogo sistemático:

1. Músicos de rock : Biografia e obra 782.42166092

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prólogo — Todos os nossos “ontens”	9
PARTE I: UMA ESCADA PARA O PARAÍSO	23
1. “Ei, tio, me dá uma libra que eu te mostro a casa do Paul McCartney”	25
2. “Sanduíches de maçã com açúcar”	32
3. “Eu aprendi a pôr uma couraça em torno de mim”	47
4. Criando um estilo	54
5. “Aguaeóleo!”	68
6. “Paul parecia fazer John ficar mais vivo quando eles estavam juntos” . . .	84
7. “Quem você quer ser, Paul? Tommy Steele?”	97
8. “Tudo é maluco aqui. As pessoas nunca dormem”	112
9. “Canta ‘Searchin’, Paul!”	124
10. “Ah, Vi, penteia minhas pernas”	140
11. “Imagina só — Little Richard usou a minha camisa! Eu nem acredito!”	151

PARTE II: O BEATLE BARNUM & BAILEY	165
12. “Sabia que ele dorme de olho aberto?”	167
13. “Mudando a minha vida com um aceno de sua mão”.	184
14. “Vida longa e felicidade e muitos sanduíches de marzipã”	197
15. “É isso que um Beatle faz à noite”	211
16. “É grandona, porque eu gosto de casa grande”	226
17. “Era quase como se um alienígena tivesse pousado em Mull”	243
18. A volta da Banda de Jazz de Jim Mac	254
19. “Um idiota irresponsável”	267
20. “Estava tudo na cabeça de Paul”	278
21. “Um lugar bonito onde pessoas bonitas podem comprar coisas bonitas”	291
22. “Foi o <i>coup de foudre</i> que os franceses comentam em murmúrios”	300
23. “Você a encontrou, agora vai lá pegá-la”	316
PARTE III: LAR, FAMÍLIA, AMOR	333
24. “Você andou tocando no telhado de novo e sua mamãe não gosta disso”	335
25. “Foda-se o dinheiro!”	352
26. “Vamos lá, chore! Você vai sair no jornal”	366
27. “Paul ainda está entre nós”	378
28. “Foi um sentimento avassalador de vazio que passou pela minha alma”	394
29. “Era quase como se eu estivesse cometendo um ato profano”	411
30. “Droga, a gente pisou na bola mesmo dessa vez”	428
31. “Danem-se vocês, vou gravar um disco que vai fazer vocês quererem ter estado nele”	446
32. “Um ex-noivo hoje meio distante chamado Paul”	462
33. “Cara, se eu fosse o Paul McCartney, comprava a estrada”	478
34. “Elas se guardaram para ele”.	490
35. “Oi, Paul, sabe aquela Mull of Kintyre? É boa pra cacete!”	502
36. “Extravagância à la McCartney anabolizada pelo punk”	516
37. Prisioneiro japonês.	529
38. “Aquilo deixou todo mundo perplexo pelo resto da vida”	542

PARTE IV: CARREGANDO AQUELE PESO	553
39. “Devolva minhas meninas, Lew”	555
40. “O mais perto que dá para chegar de um não filme”	566
41. “Eu comprei as suas músicas, Paul”	580
42. “Vocês são uma plateia adorável”	594
43. “Eu dou um duro danado, de verdade. Eu dou um puta duro danado”	609
44. “Todo mundo queria ser a cereja do bolo. Ninguém queria ser o bolo”	621
45. “Essa carta é do seu amigo Paul, com amor”	633
46. “Ela irradiava esperança”	648
47. “Let Me Love You Always”	660
PARTE V: DE VOLTA AO MUNDO	671
48. Cidade da solidão	673
49. “Só perdi uma perna. Ainda tenho meu coração”	687
50. “Ei, essa é muito boa. É sua?”	701
51. “Você não fala muito, não é, Paul?”	715
52. “Ela não tinha como processar todos os jornais que gostaria”	728
53. “Até pelos padrões dos tabloides britânicos, a sordidez foi extraordinária”	744
54. “Mulher, amante, confidente, sócia e psicóloga”	756
55. “Sempre tem aquele momento de ‘Será que eu consigo?’”	768
Epílogo: “Até mais, Phil”	777
Agradecimentos	785
Crédito das imagens	787
Índice remissivo	789

Prólogo

Todos os nossos “ontens”*

Em 4 de dezembro de 1965, os Beatles apareceram no City Hall de Newcastle-upon-Tyne naquela que seria a última turnê deles pela Grã-Bretanha. Eu era um repórter de 22 anos de idade na sucursal de Newcastle do *Northern Echo*, um jornal diário que circulava por toda a região nordeste da Inglaterra. As ordens da redação eram para “acompanhar tudo e tentar falar com eles”.

Peguei a pauta sem nenhuma esperança. Os Beatles já eram a maior sensação da música pop — e, cada vez mais, indo além disso — havia mais de dois anos. Do meu humilde e limitado ponto de vista, que nova perspectiva podia esperar acrescentar? Quanto a “tentar falar” com eles, a turnê vinha na sequência do álbum *Rubber Soul*, do segundo grande sucesso da banda no cinema, *Help!*, de seu histórico show para 55 mil pessoas no Shea Stadium de Nova York e de terem recebido da rainha a Ordem do Império Britânico. Eu ia competir não só com a grande mídia de Tyneside, mas também com os jornais e tevês com abrangência nacional que tinham sucursais na cidade. Mesmo se eu conseguisse chegar perto deles, por que gastariam um segundo com um zé-ninguém do *Northern Echo*?

* No original, “All Our Yesterdays”, em referência à famosa música de McCartney. [Esta e as demais notas são dos tradutores.]

Como quase todo jovem do Hemisfério Ocidental, minha fantasia diária era poder ter a vida de um dos Beatles. E não havia dúvida de qual seria. Paul, um ano mais velho do que eu, era o que tinha a beleza mais óbvia; John, apesar de todo o magnetismo, não podia ser chamado de bonito, George contava com uma boa estrutura óssea, mas tinha dentes feios, e Ringo era... Ringo. Se as adolescentes em frenesi que cercavam a banda tinham algum foco racional era no baixista canhoto cujo rosto delicado e olhos dóceis só não o tornavam feminino em função da barba malfeita marcando o maxilar.

Paul usava seu figurino de Beatle com grande elegância: as blusas de gola alta e camisas sociais de colarinho largo, as jaquetas pretas de couro que ainda traziam um certo desconforto por lembrar as tropas de choque nazistas, as botas com elástico nas laterais que tinham sido vistas pela última vez nos dândis eduardianos. Ele também parecia ser o que mais desfrutava da riqueza (presumivelmente) cada vez maior da banda; me lembro da inveja indescritível que senti ao ler esta notinha de fofoca no *New Musical Express*: “A pedido do Beatle Paul McCartney — Aston Martin DB5”.

Ele tinha ficado conhecido como relações-públicas do grupo, antes de nós entendermos o que fazia um relações-públicas, com seu charme, seu bom humor, seus modos impecáveis e um ar de algo que só podia ser chamado de sofisticação. Sempre havia algo para invejar nele, como seu namoro com a jovem e elegante atriz Jane Asher; ao mesmo tempo, nenhum dos outros parecia mais feliz do que Paul em meio ao caos amalucado dos shows ao vivo com gente pendurada nos camarotes e pessoas molhando os assentos na plateia. Um amigo que os viu em Portsmouth Guildhall me contou que, no meio da loucura da abertura do show, alguém jogou um ursinho de pelúcia no palco. Paul o pegou, colocou-o no braço do baixo e o deixou ali durante todo o show.

E então ali estava eu, em uma noite úmida de dezembro em Newcastle, esperando do lado de fora da entrada dos fundos do City Hall com um aglomerado de repórteres que incluía meu amigo David Watts do *Northern Despatch*, um jornal do mesmo grupo do *Northern Echo*. Quarenta e cinco minutos antes da apresentação, apareceu uma limusine Austin Princess preta, trazida de Glasgow em meio a neve pesada, de onde saíram os quatro cortes de cabelo mais famosos do planeta. O único que nos deu alguma atenção foi John, que gritou uma saudação sarcástica. Apesar do frio, ele não vestia casaco, só jeans e uma camiseta branca, a

primeira que vi com algo estampado na frente. Não consegui ler o que estava escrito, mas fiquei com a impressão de que também era algo sarcástico.

Nesses tempos inocentes, o único segurança era um porteiro, já de certa idade. Dave e eu conseguimos passar por ele sem dificuldades, e poucos minutos depois nos vimos em um corredor do lado de fora do camarim dos Beatles — que estava totalmente desprotegido. Alguns outros repórteres também tinham chegado até ali, mas ninguém ousou bater na porta fechada, muito menos entrar sem ser convidado. Enquanto estávamos ali, indecisos, um barulho cada vez maior de gritos e de pés batendo no chão vindo do auditório, que ficava a poucos metros, alertava que o tempo para uma potencial entrevista estava acabando.

Então Paul subitamente veio até nós usando uma camisa de gola alta preta, exatamente como na capa do disco *With the Beatles*, e desembulhando um chiclete Juicy Fruit. Quando abriu a porta, Dave comentou “eu conheço esse rosto”, mas ficou paralisado com um sorriso no rosto, enquanto eu consegui perguntar: “Podemos entrar e falar com vocês?”.

“Claro”, ele respondeu com seu jeito de falar típico de Liverpool, mas com uma voz bem mais aguda e suave do que a dos outros. Mal conseguindo acreditar na sorte que demos, nós o seguimos.

Não era um camarim, na verdade, mas uma sala de estar espaçosa com sofás e poltronas de couro verde e uma parede ocupada por janelas francesas que davam para o nada. Os Beatles tinham acabado de comer filé com fritas e alguns tira-gostos, e os pratos estavam sendo levados por um esquadrão de alegres garçonetes locais com vestidos pretos e aventais brancos. Não havia outras mulheres ali, nem algum vestígio de álcool ou drogas. O único entretenimento fornecido era uma tevê que passava um episódio de *Os Vingadores*, e o único que estava assistindo era George, com o rosto pálido e sério.

Comecei falando com Ringo, que estava sentado em uma das poltronas de couro verde, e em seguida John sentou no braço do móvel e começou a participar também. Os dois já estavam com o figurino de palco, as blusas pretas de gola alta, e foram espantosamente simpáticos e tranquilos: eu fiquei com a impressão de ter tanto direito de estar ali quanto o figurão da *Melody Maker* que viera de Londres especialmente para a ocasião. (A paciência de John parece especialmente impressionante agora que sei as pressões que ele sofria na época.) George não desviou os olhos de *Os Vingadores*, e Paul andava sem parar, inquieto, mascando chicletes e procurando alguém do Moody Blues, que também se apresentava

naquela noite. “Alguém viu os Moodies?”, ele ficava perguntando. Eu me lembro de olhar para sua calça jeans e de pensar se era do tipo mais comum, como parecia, ou se era feita sob medida, com costuras e rebites reforçados para impedir que fossem arrancadas por mãos frenéticas.

Num sofá ali ao lado estava o baixo “violino” Hofner, cuja silhueta com braço longo estilo Stradivarius tinha se transformado em sua marca registrada particular. Eu também fui guitarrista um dia, em uma banda sem futuro na ilha de Wight, e para mostrar que tinha algo em comum com os Beatles perguntei se o baixo era muito pesado para carregar no palco. “Não, é leve”, ele disse. “Olha aqui... Pegue.” Ele apanhou o baixo e jogou na minha direção. Sou péssimo em pegar as coisas, mas de alguma maneira consegui agarrar o braço e a correia ao mesmo tempo. Por alguns instantes me vi tocando nos mesmos trastes que Paul McCartney, e dedilhando as mesmas cordas de aço que ele usava. Perguntei se baixos em formato de violino eram mais caros que os normais. “Só 52 guinéus [£ 54,60]”, ele disse. “Eu sou mão de vaca, sabe.”

Os três continuaram sendo simpáticos quando encontrei uma página em branco no meu caderno de anotações e pedi um autógrafo para minha irmã mais nova. “Você é o preferido dela”, eu disse, enquanto Paul punha sua assinatura surpreendentemente adulta no papel. “Então eu estou com tudo, não?”, ele murmurou, “se sou o preferido dela.” Foi a esnobada mais gentil possível.

Como todo mundo que os entrevistava, achei que tinha me dado melhor com eles do que qualquer outra pessoa antes de mim. “Tudo bem se eu ficar por aqui mais um pouco?”, perguntei para Paul e olhei para John. “Claro”, os dois concordaram. Bem naquela hora, um sujeito com o rosto magro de camiseta amarela com mangas largas entrou na sala e me viu. Era o roadie da banda, Neil Aspinall, que tinha como uma de suas funções durante as viagens dizer aos jornalistas o que os adoráveis e fofos Fab Four jamais poderiam dizer. Era mais do que provável que tivesse recebido sinais secretos dos músicos avisando que um visitante estava se tornando incômodo.

“Você”, ele disse com um gesto do polegar. “*Fora!*”

“Mas... eles acabaram de dizer que eu podia ficar”, protestei.

“Bom, *eu* estou dizendo que você tem que sair”, ele respondeu, e então voltou os olhos para um jornal, esquecendo que eu existia.

Enquanto saía envergonhado, eu me consolava dizendo para mim mesmo que tinha uma história sobre os Beatles que ninguém na concorrência podia con-

tar: Paul McCartney jogou seu baixo violino para mim e me disse que era mão de vaca.

Nossos caminhos nunca mais se cruzaram, nem nos anos 1960, nem no resto do século xx. No *Sunday Times* de Londres, onde passei a trabalhar, os colegas mais antigos de jornal faziam questão de manter para si toda a cobertura dos Beatles. Por isso não escrevi uma linha sequer sobre o desabrochar de Lennon e McCartney como compositores depois que pararam de fazer turnês, em 1966, o que levou à obra-prima da banda, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, e às canções superlativas de Paul como “Penny Lane”, “Eleanor Rigby” e “She’s Leaving Home”. Coube a outros — muitos outros — relatar os dois anos agitados depois da morte de Brian Epstein, com Paul aparentemente empresariando a banda, a viagem a um *ashram* nos Himalaias, o longa-metragem de animação *Yellow Submarine*, o Álbum Branco, o *Magical Mystery Tour* e o lançamento de uma empresa chamada Apple, que nada tinha a ver com computadores.

Durante todo aquele tempo, continuei sendo mais um dos incontáveis jovens do sexo masculino para quem a vida de Paul McCartney parecia um paraíso, cujas namoradas se derretiam de maneira humilhante só de vê-lo (especialmente na sequência de “Fool on the Hill”, em que seus comoventes olhos castanhos apareciam em close-up). Já havia temores de que os Beatles não durariam para sempre; uma percepção de que sua vida juntos talvez não tivesse trazido a suprema felicidade que todos nós presumíamos e de que estranhos mal-estares e dúvidas começavam a atormentá-los. Mas pelo menos um deles parecia querer continuar. George podia ter descoberto a religião indiana e perdido o senso de humor; John podia ter abandonado sua agradável esposa para ficar com uma artista performática japonesa e passado a se ocupar, junto com ela, de todo tipo de assunto esquisito. Mas Paul continuava com a linda Jane Asher, ainda mantinha um impecável corte de cabelo à la Beatles, vestia os mais modernos ternos Carnaby, ia a estreias no West End, dava autógrafos e continuava sorrindo.

Mas, à medida que os anos 1960 acabavam, até mesmo sua noção de dever público começou a ficar mais fraca. Ele rompeu com Asher, que parecia a mulher perfeita para ele, e começou a namorar uma desconhecida fotógrafa americana chamada Linda Eastman. No dia de seu repentino casamento, em 1969, os milhões de moças inconsoláveis não foram as únicas que se sentiram decepcionadas.

Jovens do sexo masculino como eu, que vinham acompanhando de perto sua vida desde 1963, apesar de não terem derramado uma lágrima, também ficaram imaginando em que diabos Paul estava pensando.

Naquele mesmo ano, finalmente me pediram para escrever uma reportagem sobre os Beatles em uma publicação nacional, ainda que não fosse britânica. A revista norte-americana *Show* me pediu para investigar a empresa Apple, as fortunas que estava devorando e a consequente avalanche de rumores dando conta de um rompimento iminente. Contatei o assessor de imprensa da banda, Derek Taylor, esperando que o fato de eu não ter publicado nada sobre eles, exceto há muito tempo no *Northern Echo*, fosse um ponto negativo para mim. No entanto, Taylor tinha gostado de algumas das reportagens que escrevi para o *Sunday Times* sobre outros assuntos, especialmente sobre o fisiculturista Charles Atlas, e me deu sinal verde. Durante várias semanas daquele verão, tive permissão para andar pela sede de Londres da Apple, no número 3 da Savile Row, uma tradicional casa em estilo georgiano que parecia a expressão definitiva do bom gosto de Paul.

A essa altura, o gosto era a única coisa que restava dele ali. John e Yoko estavam lá quase todo dia, conduzindo sua campanha pela paz a partir do escritório na parte frontal do pavimento térreo; George e Ringo apareciam com frequência. Mas não havia sinal de Paul. Incomodado com a indicação de John para que Allen Klein se tornasse o empresário dos Beatles, tinha ido embora de Londres com Linda para se enfiar em sua fazenda na Escócia e gravar seu primeiro álbum solo. Embora ainda não me desse conta disso, eu dispunha de um lugar na primeira fila para assistir ao rompimento dos Beatles.

Poucos meses depois do início daquela manhã cinzenta de ressaca que estávamos aprendendo a chamar de “anos 1970”, recebi um telefonema de Tony Brainsby, um relações-públicas freelance mais conhecido pela presunção e pelo choque que seu cabelo vermelho brilhante causava. Brainsby agora representava Paul McCartney, que, em carreira solo, começava a montar uma banda, cujo nome seria Wings, e perguntou se eu gostaria de entrevistá-lo para o *Sunday Times*. Respondi que não, sentindo o estômago embrulhado. A partir dali, os Beatles seriam considerados incomensuravelmente maiores do que qualquer um de seus componentes individuais. A única pauta que realmente interessava era quando eles se reuniriam novamente.

Para a *Sunday Times Magazine*, entrevistei vários dos grandes nomes do rock, do country e do blues — Mick Jagger, Bob Dylan, Eric Clapton, os Beach Boys,

David Bowie, Bob Marley, Elton John, James Brown, Stevie Wonder, Johnny Cash, Rod Stewart, B.B. King, os Everly Brothers, Diana Ross, Little Richard, Fats Domino, Fleetwood Mac, Aretha Franklin, Bill Haley —, porém nunca mais recebi outra oferta para falar com Paul, e nunca fui atrás de uma. Eu compartilhava a visão da imprensa em geral e me sentia ofendido por ele ter criado outra banda — somando um insulto à injúria quando colocou Linda no lugar de John — e resolvi não ter envolvimento com aquilo. Como primeiro crítico de rock da edição diária do *Times*, tive muitas oportunidades de falar com ele em lançamentos para a imprensa de álbuns dos Wings, e no entanto por algum motivo nunca fiz isso. Em 1973, tive que me render a seu triunfo com *Band on the Run*, ainda que algumas das rimas (“And the county judge/ held a grudge...”*) parecessem um retrocesso para o criador de “Penny Lane”.

A não ser por isso, eu era mais um a dizer que Paul McCartney tinha se transformado em um coadjuvante satisfeito no mundo da música e lamentava que tivesse perdido a magia dos Beatles, assim como lamentava seus crescentes ataques de sentimentalidade e de humor barato. Logo depois do lançamento de “Mull of Kintyre”, escrevi um poema satírico sobre ele na *Sunday Times Magazine* cuja última estrofe hoje parece de um mau gosto terrível:

*Oh, britânico filho com uma esposa sem brilho
Adorado que és, pelos muitos clichês
De que sempre dispões em insossas canções
Que no meio da estrada te enterrem de vez.***

Será que alguém conseguiria fechar portas de maneira mais categórica?

Em 1979, uma disputa trabalhista fechou o *Sunday Times* por um ano, que decidi passar escrevendo uma biografia dos Beatles. Colegas e amigos recomendaram que não perdesse meu tempo; àquela altura, a quantidade de palavras es-

* Em tradução literal: “E o juiz da comarca/ Guardava um rancor”.

** “Oh, deified scouse with unmusical spouse/ For the cliches and cloy you unload/ To an anodyne tune may they bury you soon/ In the middlemost midst of the road.”

critas e ditas sobre eles devia chegar aos bilhões; provavelmente já se sabia tudo que havia para ser descoberto.

Contatei os ex-Beatles para entrevistas, mas recebi a mesma resposta de todos por meio de seus relações-públicas: eles estavam mais interessados em suas carreiras solo do que em remoer o passado. Na verdade — como ainda não sabíamos expressar na época —, estavam em negação em relação àquilo que tinha acontecido com eles nos anos 1960, uma experiência que acabou se revelando mais monstruosa do que miraculosa. A recusa de Paul por meio de Tony Brainsby também pode ter sido influenciada pelo poema publicado algum tempo antes no *Sunday Times*. Minhas conversas com Brainsby ficaram cada vez mais tensas até que um dia ele gritou: “Philip... vá se foder!”, e bateu o telefone na minha cara.

Entreguei meu livro, *Shout!*, aos editores no final de novembro de 1980, duas semanas antes de John ser assassinado em Nova York. Depois de cinco anos fora da indústria da música, ele tinha acabado de lançar um disco novo, *Double Fantasy*, e estava fazendo longas entrevistas de divulgação. Eu pretendia manter *Shout!* com um final aberto, caso ele concordasse em falar comigo para um pós-escrito.

Acabei conseguindo entrar em seu apartamento no Dakota Building — mas não da maneira que esperava. Quando o livro foi lançado nos Estados Unidos, no primeiro semestre do ano seguinte, fui a Nova York para uma aparição no programa televisivo *Good Morning America*. Durante a entrevista, afirmei que do meu ponto de vista John não tinha sido um quarto dos Beatles, e sim três quartos. Yoko viu a transmissão e ligou para mim no estúdio da ABC para me dizer que minha declaração foi “muito gentil”. “Talvez você possa vir até aqui para ver onde morávamos”, ela acrescentou.

Naquela tarde, eu me vi no Dakota, passeando pelo imenso apartamento branco do 17º andar em que o casal criava seu filho, Sean, enquanto Yoko cuidava das finanças dos dois. Mais tarde, no escritório do térreo que ela ocupava, sentada em uma cadeira que imitava o trono de um faraó egípcio, Yoko falou longamente sobre as fobias e inseguranças do marido e sobre a amargura que John sentia em relação aos antigos colegas de banda, especialmente o seu parceiro na maior dupla de compositores da história da música pop. Como muitas vezes acontece com quem está de luto recente, algo do companheiro perdido parecia fazer parte dela agora. Ouvindo Yoko, era frequente achar que eu estava ouvindo John. E toda menção a Paul punha uma expressão gelada de desolação no rosto

dela. “John sempre dizia”, ela me disse em certo momento, “que ninguém o magoou como Paul.”

As palavras sugeriam uma ligação emocional muito mais profunda entre os dois do que o mundo suspeitava — como o ressentimento de um namorado rejeitado —, e eu naturalmente incluí isso em meu relato da visita para o *Sunday Times*. Depois que o texto foi publicado, voltei para meu apartamento em Londres e ouvi minha namorada dizer: “Paul ligou para você”. Segundo ela, Paul queria saber o que Yoko quis dizer com aquilo, e parecia mais chateado do que bravo. Como no caso de John, era um acesso oferecido muito mais tarde do que o pretendido, e de uma maneira que eu jamais teria imaginado. No entanto, naquela época eu ingenuamente acreditava ter apurado tudo o que havia para escrever sobre os Beatles e sua era. Por isso não tentei obter a resposta formal de Paul à citação de Yoko, e não toquei mais no assunto.

As principais críticas a *Shout!*, feitas entre outros pelo letrista Sir Tim Rice, eram relativas à superglorificação de Lennon e de um viés contra McCartney. Eu respondi que não era “anti-Paul”, mas que tinha meramente tentado mostrar o ser humano real por trás da fachada encantadora e sorridente. Na verdade, para ser sincero, todos aqueles anos que passei querendo ser ele me deixaram, por algum motivo obscuro, com a impressão de que eu precisava me vingar. A afirmação de que John representava três quartos dos Beatles, por exemplo, era (como Tim Rice argumentou) “maluca”. O próprio Paul, pelo que eu soube, odiou o livro, e sempre se referia a ele como *Shite*.*

E no fim — para citar seu resumo sobre o álbum *Abbey Road* —, todos os críticos ficaram confusos. Os Wings se tornaram um sucesso nas paradas e seus shows eram uma atração tão grande quanto os Beatles tinham sido. Um autogerenciamento perspicaz e um investimento em outros catálogos musicais (ainda que, absurdamente, não tivesse os direitos autorais de suas músicas mais conhecidas) deram a Paul uma fortuna imensamente maior do que a de qualquer um dos outros Beatles, ou de qualquer outra pessoa na indústria, estimada em 1 bilhão de libras. Antigos boatos sobre sua avareza (ele não tinha me dito em 1965 que era “mão de vaca”?) ficaram para trás em função de seu frequente envolvimento em shows beneficentes e, de maneira ainda mais espetacular, quando criou

* Trocadilho com o nome do livro e a palavra “shit”, merda em inglês.

uma academia de artes performáticas para lançar novos cantores, músicos e compositores no local de sua velha escola em Liverpool.

Seu casamento com Linda, visto como um desastroso passo em falso na época, tornou-se de longe o mais feliz e mais duradouro da cena da música pop. Apesar da imensidão de sua riqueza e de sua fama, o casal conseguiu ter uma vida doméstica relativamente normal e impedir que seus filhos se tornassem os fedelhos mimados, negligenciados e esquisitos tão frequentes no mundo do rock. Embora o público nunca tenha se entusiasmado com Linda, principalmente em função de seu vegetarianismo militante e ativismo pelos direitos dos animais, as pessoas reconheciam que ela era a mulher certa para Paul, assim como Yoko havia sido para John.

Ele parecia ter conseguido tudo que era possível, não só na música pop, mas no universo criativo como um todo — seu oratório clássico foi executado na Catedral de Liverpool e aceito no repertório de sinfonias em todo o mundo; suas pinturas foram expostas na Royal Academy; seus poemas reunidos foram publicados em capa dura, suscitando sugestões de que ele seria uma escolha tremendamente popular para Poeta Laureado. Em 1997, seu extenso histórico de flagrantes de drogas (incluindo nove dias de cadeia no Japão) foi deixado de lado para permitir que fosse nomeado cavaleiro do Império Britânico pelos serviços prestados à música. Na verdade, como disse a revista *Rolling Stone*, ele tinha “colaborado menos para arruinar a própria sorte do que qualquer astro de rock que já existiu”.

Então, perto de entrar na casa dos sessenta anos, a sua vida subitamente saiu dos trilhos. Em 1998, Linda morreu depois de uma longa luta contra um câncer de mama. Quatro anos depois, ele se casou com a ativista de causas sociais e ex-modelo Heather Mills, o que causou uma evidente consternação em seus filhos; seis anos depois, o casal se divorciou em meio ao falatório mais pesado nos tabloides que já se tinha visto até então, mesmo no cenário pop. Pela primeira vez, era bom *não* ser Paul McCartney.

Desde que me convidou para o Dakota Building logo após a morte de John, Yoko deu muitas outras entrevistas exclusivas. Em 2003, nós nos encontramos em Paris, e ela concordou em cooperar comigo naquela que seria a primeira biografia completa e séria de Lennon. Mesmo que tivesse um histórico menos problemático com McCartney, eu achava que não teria chance de conseguir que ele me ajudasse com informações. Apesar das demonstrações públicas de solidariedade,

as relações entre Paul e Yoko seguiam tensas, em razão de questões como os créditos das composições assinadas como Lennon-McCartney e a fatia de royalties que John devia receber por “Yesterday”, de Paul. Se Yoko estava comigo, isso certamente devia significar que Paul estava contra mim.

Apesar disso, achei que seria de bom-tom mandar uma mensagem para ele por meio de seu relações-públicas na época, Geoff Baker, revelando que estava fazendo uma biografia de John e que de modo nenhum o livro seria “anti-McCartney”. Duas semanas depois, o telefone do meu escritório tocou, e uma voz familiar com um leve sotaque de Liverpool disse: “Alô... aqui é o Paul”. Será que eu teria colhões para perguntar: “Que Paul?”.

Meu silêncio aturdido suscitou uma risada fraca. “É... acho que você nunca imaginou que eu ia ligar, né?”

Ele estava entrando em contato por curiosidade, segundo afirmou, “para ver qual é a desse sujeito que parece me odiar tanto”. Acabamos conversando por uns quinze minutos. Mas não foi uma conversa de um repórter com o maior pop star do mundo. Eu não tinha esperanças de que ele me ajudasse com a biografia de Lennon, por isso não usei nenhuma das artimanhas de que os jornalistas se valem para arrancar declarações de celebridades. Conversamos de homem para homem, sem deferência, mas com um respeito cada vez maior. Grandes astros do rock nunca precisam fazer nada desagradável ou desconfortável se não quiserem, mas, apesar de contar com dezenas de assistentes à sua disposição, ele fez questão de me ligar.

Quando eu disse que não esperava uma entrevista para a biografia de Lennon, ele não objetou: “Iria parecer que eu estava recompensando você por falar mal de mim”. Rebatí dizendo que havia certas questões factuais específicas que mais ninguém poderia esclarecer: será que ele faria pelo menos isso por e-mail?

“Ok”, ele disse.

Como eu aprendi nos bastidores do City Hall de Newcastle em 1965, a resposta afirmativa de um Beatle nem sempre se confirmava. Mas nesse caso se confirmou. Eu mandava minhas perguntas por e-mail para sua assistente pessoal, Holly Dearden, e as respostas ditadas por ele vinham imediatamente, variando desde meia dúzia de palavras até duas centenas.

Algumas respostas resolveram questões cruciais sobre o início da história dos Beatles. Na época de Hamburgo, por exemplo, dizia-se que Paul tinha sido a

única testemunha quando John, bêbado e sob efeito de comprimidos, teria dado um chute na cabeça do então baixista do grupo, Stu Sutcliffe, o que talvez tivesse sido a causa inicial da hemorragia cerebral que mais tarde o matou. Não, ele não se lembrava desse incidente. Outros pontos, menos dramáticos, não deixavam de ser igualmente reveladores. Era verdade, eu perguntei, que quando eles começaram a escrever músicas juntos o canhoto Paul conseguia tocar a guitarra de destro de John e vice-versa? Se fosse verdade, tratava-se de uma metáfora perfeita para a simbiose criativa entre duas pessoas totalmente diferentes, que permitia que um deles completasse a música que o outro tinha começado.

Sim, ele respondeu, era verdade.

Em junho de 2012, vi o agora septuagenário Sir Paul ser o destaque no show do Jubileu de Diamante da rainha no Palácio de Buckingham ao lado de outros cavaleiros da música pop: Sir Elton John, Sir Cliff Richard, Sir Tom Jones; ele vestia uma túnica militar de um azul-escuro que o fazia parecer um sóbrio *Sergeant Pepper* e continuava tocando seu baixo violino Hofner, como um bom mão de vaca. “Imagine”, de John, pode ser o hino secular favorito do mundo, mas “Hey Jude”, de Paul, havia se tornado um hino nacional alternativo. Com os telões de vídeo no Mall e nos parques do entorno, perto de 1 milhão de pessoas deve ter participado daquele inexplicavelmente reconfortante refrão de “Na na na nana na-na”, uma vasta floresta tremulante de velas e telefones celulares acesos balançando no mesmo ritmo. Dois meses depois, novamente na presença da rainha, Paul e “Hey Jude” puseram um ponto final na cerimônia de abertura de 27 milhões de libras das Olimpíadas de Londres. Exceto pela pequena e cintilante mulher que dominava o camarote real, não havia outro tesouro que os britânicos tivessem mais vontade de exibir para o mundo.

No entanto, ser homenageado e amado nessa escala traz consigo o que se pode chamar de Maldição do Passado. Os Beatles se separaram havia mais anos do que John teve de vida, e sua trajetória mal representa um quinto da vida de McCartney. Todo seu sucesso como artista solo desde então não mudou a impressão geral de que seu talento atingiu o ápice quando tinha vinte e poucos anos, com John lhe fazendo sombra; existe a impressão de que nunca mais haverá uma música de McCartney que se compare a “Yesterday”, “Penny Lane” ou mesmo “When I’m Sixty-Four”.

Figuras menores que seguiram no rastro aberto por Lennon e McCartney para músicos que só gravam suas próprias composições podem ficar felizes de aproveitar ao máximo seus velhos hits, mas não Paul. Embora seu catálogo seja o equivalente na música pop às obras de Shakespeare, ele ainda sente a mesma necessidade de um estreante de provar algo para si mesmo. Assim como acontece com tantos dos monumentos duradouros do rock — Mick Jagger, Elton John —, parece que a satisfação da adulação passa por seu organismo como comida chinesa, deixando-o sempre com vontade de mais. No dia em que me ligou, ele mencionou que estava “de volta a Abbey Road, fazendo discos”. Enquanto escrevo, no final de 2015, a turnê mundial em que Paul esteve de maneira mais ou menos contínua pelos últimos quinze anos não dá sinais de que esteja por acabar.

As dezenas de livros escritos sobre ele se concentram quase todos em seu papel na história dos Beatles — aquilo que o relações-públicas da banda, Derek Taylor, definiu com razão como o “maior romance do século xx” —, e tratam as quatro décadas que se seguiram como um mero acréscimo. Até sua biografia oficial e autorizada, *Many Years from Now*, escrita por Barry Miles, seguiu o mesmo padrão, dedicando apenas umas vinte páginas entre mais de seiscentas aos anos pós-Beatles, encerrando a narrativa em 1997, o ano anterior à morte de Linda.

Portanto, nunca se fez uma biografia abrangente e de qualidade do maior emblema vivo da música pop, que também é seu maior não conformista. E, apesar de milhões de palavras terem sido escritos sobre ele, tanto dentro como fora dos Beatles, essa página continua estranhamente em branco. Aquele que aparenta ser o mais aberto e acessível entre todas as megacelebridades na verdade é uma de suas figuras mais esquivas. Em sua aparente “normalidade” e “vida comum”, foram construídas barreiras de privacidade que só são comparáveis às de Bob Dylan. De vez em quando, por trás do eterno Cara Legal, nós vislumbramos alguém que, apesar de todos os reconhecimentos e homenagens, ainda é capaz de sentir frustração, até insegurança, e que se aborrece e remói coisas como todos nós. Mas, na maior parte do tempo, seus sorrisos e alegres sinais de positivo camuflaram tudo.

No final de 2012, mandei um e-mail para McCartney, aos cuidados de seu relações-públicas, Stuart Bell, dizendo que gostaria de escrever sua biografia para fazer par com *John Lennon: A vida*. Se ele não quisesse falar comigo diretamente — e era bastante improvável que quisesse se submeter a mais uma revisão da histó-

ria toda dos Beatles —, então talvez pudesse me conceder uma aprovação tácita para entrevistar pessoas de seu círculo mais próximo que de outra forma jamais seriam acessíveis. Admiti que eu provavelmente seria sua última opção como biógrafo, mas esperava que o livro sobre Lennon tivesse feito alguns reparos no tratamento injusto que lhe dispensei em *Shout!*. Bell concordou em passar meu pedido adiante, alertando que a resposta poderia demorar um pouco, já que McCartney estava em turnê pelos Estados Unidos. Ah, claro, eu pensei... O velho pretexto...

Poucos dias depois, a resposta chegou, enviada por e-mail por um assistente pessoal e ditada por ele:

Caro Philip

Obrigado por entrar em contato. Fico feliz em dar minha aprovação tácita, e talvez Stuart Bell possa ajudar.

Cordialmente

Paul

Foi a maior surpresa da minha carreira.